



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.4, jun./nov.2008



ESPECIARIAS DO BRUXO ESQUECIDAS NO *JORNAL DAS FAMÍLIAS*

Geovana Gentili Santos
(Mestranda — UNESP/Assis)

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Edusp/Nankin Editorial [no prelo].

Machado de Assis (1839-1908) — homem que transpôs as barreiras de sua época, modificou com a sua produção ficcional o desenrolar da história da literatura brasileira e fundou, no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras — recebe da nossa sociedade, neste ano de 2008, homenagens que celebram seu centenário de morte. Diversos congressos, simpósios, encontros e palestras são organizados com o objetivo de propiciar debates a respeito das produções literárias criadas por nosso mestre, sobretudo aquelas que atestam sua imortalidade — *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899). Desse modo, diversos estudos já realizados sobre a obra machadiana são retomados e novos trabalhos vêm à luz na tentativa de descortinar aspectos ainda obscurecidos.

Se, como afirma Maria Helena Werneck, “tomar a face menor da criação machadiana como objeto de estudo consiste em gesto de deliberada

desobediência”, pode-se dizer que Jaison Luís Crestani, em *Machado de Assis no Jornal das Famílias* (no prelo), assume a postura de legítimo desobediente ao trazer para o centro das discussões as produções da juventude de Machado. Publicadas no *Jornal das Famílias* (1863-1878) — empreendimento dirigido pelo francês Baptiste Louis Garnier (1823-1893) e dedicado “aos interesses domésticos das famílias brasileiras” —, essas histórias permaneceram, por muito tempo, sem receber a atenção devida da crítica que, por sua vez, colocou-as em segundo plano.

Os efeitos negativos dessa corrente crítica são pontuados no livro de Crestani. Nomes como os de Ivan Teixeira, Mário Matos, Eloy Pontes e Lúcia Miguel Pereira formam uma linha interpretativa que, a partir da divisão da obra machadiana em fases, a da aprendizagem e a da maturidade, apresentam uma apreciação depreciativa das composições publicadas no *Jornal das Famílias*, afirmando ser “justo” o seu esquecimento nas páginas do periódico. Sônia Brayner e Pedro Costa, tomando a produção da juventude em comparação com a da segunda fase, acabam dando ênfase à inferioridade das criações iniciais ao computarem a ausência dos elementos da obra madura. Mesmo autores como Afrânio Coutinho, Alfredo Pujol e José Guilherme Merquior, que se opõem à divisão por fase e defendem a tese do “amadurecimento progressivo” do escritor, recaem no equívoco de analisar as publicações iniciais buscando os “prenúncios” temático-formais presentes no Machado pós-*Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Assim, consciente da necessidade de voltar-se a essas produções iniciais com uma nova postura crítica, Jaison Crestani faz uma leitura instigante desses contos, propondo “uma transferência dessa produção inicial da posição periférica a que foram relegadas para um lugar de destaque no contexto da literatura brasileira”.

Para o desenvolvimento dessa proposta, Crestani organiza seu trabalho em quatro capítulos. No primeiro — “Imprensa e literatura no século XIX” — apresenta-se uma visão panorâmica da imprensa no Brasil, com comentários a

respeito de sua implantação tardia, das dificuldades infra-estruturais presentes na sua fase inicial e das dificuldades sócio-culturais, como o analfabetismo, a ausência de urbanização e a incipiente atividade comercial e industrial do nosso país. Apenas no final da década de 1830 é que a imprensa começaria uma nova fase com a presença vívida da literatura no jornal. Essa união torna-se uma via de mão dupla, uma vez que o jornal contribuiria, por um lado, para “promover a instrução e a elevação do nível cultural da população, diminuindo o analfabetismo e assegurando um público-leitor para a literatura”. Por outro lado, o autor indica que esse processo de democratização operado pela imprensa está intimamente ligado a fatores de mercado, condicionando “os escritores a se adequarem às estruturas testadas da produção comercial”.

Com base nessa perspectiva dialética, Crestani recupera as características principais e as condições de produção literária oferecidas pelo *Jornal das Famílias*. Essa apreciação inicial serve de base para o desenvolvimento dos capítulos seguintes, nos quais o autor analisa o modo como Machado de Assis trabalha com esses fatores de mercado em suas primeiras composições literárias.

No segundo capítulo, “O investimento no estatuto ficcional da literatura”, Jaison Crestani organiza suas reflexões em quatro eixos — formas de leitura, personagem, narrador e literatura no jornal. Detendo-se nas dezoito narrativas selecionadas, o autor examina a explicitação dos processos de elaboração textual e o investimento machadiano na ficcionalidade dos componentes narrativos. Por meio desses procedimentos, a ficção machadiana chama a atenção do leitor para a necessidade de manter uma postura crítica e distanciada do texto literário, conscientizando-o da inadequação das leituras viciadas que se baseavam na identificação e no envolvimento emocional com a história narrada. Desse modo, Crestani identifica, “nos interstícios de narrativas aparentemente convencionais e moralizantes”, a atuação subversiva de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, ao operar uma desconstrução irônica das “mistificações e dos excessos das manifestações idealistas do Romantismo”.

No capítulo seguinte, "A ampliação do alcance da literatura brasileira", Crestani aborda a transferência de enfoque, executada por Machado de Assis, do problema da nacionalidade para a questão da literatura. Priorizando o literário em detrimento do nacional, os treze contos analisados por Crestani nesse terceiro capítulo promovem uma ampliação do alcance da literatura brasileira mediante o reaproveitamento do legado das tradições local e universal e o investimento machadiano na supressão das lacunas entrevistas no desenvolvimento literário brasileiro. Além disso, o pesquisador torna a enfatizar a consciência de Machado das condições de enunciação literária do *Jornal das Famílias*, analisando o processo de construção de duas histórias ou duas camadas de leitura no interior das narrativas, o qual permitiu ao autor difundir, de forma cifrada, a sua visão de mundo em relação aos "assuntos de seu tempo".

No quarto e último capítulo, "O romantismo na obra machadiana: uma tentativa de redefinição", Jaison Crestani retoma o fato de a fortuna crítica não ter considerado positivamente a presença do romantismo nas produções iniciais de Machado, indicando o tom depreciativo que permeia a classificação dessas composições como "românticas". Pautando-se nos teóricos Michel Löwy e Robert Sayre e nas palavras de Leila Perrone-Moisés, Crestani propõe uma redefinição do modo como a visão de mundo romântica perpassa as composições machadianas, observando a semelhança entre Flaubert e Machado, ambos "românticos minados na base", "roídos pela ironia". Com base nessa discussão inicial, o autor submete onze contos a uma análise que converge para o exame de dois aspectos essenciais: "a) a representação da precariedade do artista num ambiente cultural marcado pela carência intelectual e pela exigüidade do público consumidor; b) a encenação irônica e humorística do movimento das contradições sociais e dos contornos degradantes da 'cultura do favor'".

Por fim, após esse longo percurso ao lado do Machado de Assis colaborador do *Jornal das Famílias*, Crestani encerra seu estudo confirmando a

tese de que as propriedades e os processos de construção ficcional analisados certificam "a exigência de que as narrativas machadianas publicadas no *Jornal das Famílias* sejam transferidas da posição periférica a que foram relegadas para um lugar de destaque no contexto da literatura brasileira".

Com o desenvolvimento deste estudo, resultado de sua dissertação de Mestrado, o autor de *Machado de Assis no Jornal das Famílias*, traz uma significativa contribuição para os estudos machadianos, procurando romper com as barreiras erigidas em torno da produção inicial do jovem Machado e com as leituras já cristalizadas da fortuna crítica. Removendo a pátina que obscurecia a riqueza dessas narrativas, Crestani traz à luz um Machado ainda desconhecido por muitos.

Referências bibliográficas

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis colaborador do Jornal das Famílias: da periferia do Romantismo para o centro da literatura brasileira*. 2007. 273 fls. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2007.

_____. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Edusp/Nankin Editorial [no prelo].

WERNECK, Maria Helena. Uma produção para o esquecimento. In: 2º. Congresso ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada). *Literatura e memória cultural*. Anais. Belo Horizonte, 1991, v. 3, pp. 13-18.